

O ROMANCE SOBRE A IMIGRAÇÃO JAPONESA: UMA ENTREVISTA COM LAURA HONDA-HASEGAWA¹

Laura Hasegawa nasceu na capital de São Paulo, em 1947. É formada em Letras Japonês/Português e em Pedagogia, pela Universidade de São Paulo (USP). Em 1972, foi bolsista do governo de Niigata, no Japão, período em que estudou parte da obra de Fumiko Hayashi (1903-1951), escritora que faz parte da chamada “literatura feminina”. Hasegawa atuou na área da educação até 2009 e, desde então, tem se dedicado exclusivamente à literatura, escrevendo ensaios, contos e romances, tudo sob o ponto de vista *nikkei*. Colaborou na imprensa nipo-brasileira com artigos sobre a cultura japonesa e sua influência na sociedade brasileira. Em 2008, retornou ao Japão para trabalhar como diretora e professora de uma escola brasileira destinada a filhos de decasséguis. É autora das obras *Sonhos Bloqueados* (1991) e *Kiken* (2000) e contribuiu para as coleções *Antologia de Poesia Nikkey* (1993) e *Pátria Estranha* (2002). Atualmente, escreve e publica no site *Discover Nikkei*, mantendo as séries *Histórias de Decasséguis* e *OHAYO Bom Dia*, sendo esse o seu primeiro trabalho bilíngue.

Luana Martina Magalhães Ueno é doutoranda em História e Cultura pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CAPES). Graduada em História e Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e, atualmente, é graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integra o Laboratório de Pesquisa sobre Culturas Orientais (LAPECO/UEL) e o MEMENTO - Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias (UNESP). Tem como áreas de atuação: História do Brasil, Teoria da História e História da Historiografia, com ênfase na imigração japonesa; discurso antinipônico e a questão de gênero.

Luana: Gostaria de agradecer, Laura, por ter aceitado participar da entrevista e por me receber. Para começar, poderia me dizer a qual geração a senhora pertence?

Laura: O meu pai emigrou do Japão com menos de 2 anos, um ano e pouco, e a minha mãe nasceu em São Paulo, em Presidente Prudente. Então, dizem que sou *nisei* e meio, mas eu me considero uma japonesa-brasileira.

Luana: Você sabe de quais regiões do Japão seus avós emigraram?

Laura: Sim, eu sei. Meus avós paternos vieram da província de Niigata e os meus avós maternos, da província de Fukushima, que são províncias bem próximas.

Luana: A condição de ser neta de imigrantes influenciou na produção do livro *Sonhos Bloqueados*?

Laura: Acredito que sim, porque eu queria resgatar a parte que diz respeito à minha origem, que é de imigrantes que vieram para o Brasil. Isso é um motivo de orgulho. Ser netos de imigrantes é um diferencial em relação a quem, por exemplo, não tem essa ascendência próxima. Algumas pessoas sabem que os antepassados vieram de algum lugar e se estabeleceram no Brasil, mas não possuem, assim, uma identidade mais real, mais palpável. Eu, como descendente de japoneses, sempre tive orgulho de carregar um sobrenome japonês. Já falei o que significa Hasegawa?

Luana: Não, ainda não.

Laura: O significado de Hasegawa é “rio longo que corre no vale”. Eu acho bem poético.

Luana: Sim, é poético. A senhora publicou outras obras além do livro *Sonhos Bloqueados*?

Laura: *Sonhos Bloqueados* foi a minha estreia na literatura brasileira. Depois houve outras publicações: uma antologia de poesias, outra de contos e um livro que ficou um pouco no anonimato, porque houve problemas na edição. Eu nem cito o título desse livro porque ainda não o considero lançado.

Luana: A senhora poderia falar sobre o livro que teve problemas na edição?

Laura: O título é em japonês. Bem no começo do movimento decasségui, ocorreu um choque muito grande tanto para eles quanto para os japoneses, por conhecer pessoas de outro país, do outro lado do mundo. Como os decasséguis tiveram problemas de adaptação, os japoneses estranharam o comportamento dos que foram lá trabalhar. Portanto, *Kiken*, o título do livro, é uma palavra que significa "perigo" e era uma placa que os lojistas japoneses colocavam nas portas de suas lojas, como que um aviso para todo mundo sobre os brasileiros perigosos. Essa palavra além de ter um significado muito forte, eu achei que seria bem adequada para um livro que seria mais ou menos a continuação de *Sonhos Bloqueados*, mas, como já disse anteriormente, a edição teve problemas. Então, eu ainda não o considero publicado. Quem sabe um dia eu o publicarei novamente em uma edição ampliada e revisada, o qual seria meu segundo romance.

Luana: A senhora foi bolsista no Japão, não é?

Laura: Sim, no ano de 1972. Logo depois que eu me formei na faculdade.

Luana: Esse intercâmbio influenciou a produção do *Sonhos Bloqueados*?

Laura: Eu não posso dizer que não, mas para falar concretamente, que influenciou nisso ou naquilo, também fica uma coisa um pouco vaga. Só que

trouxe influências sim, como no meu modo de ver as coisas, de escrever e expressar as minhas ideias.

Luana: O que a senhora estudou no intercâmbio?

Laura: Foi uma parte da literatura feminina do Japão, quer dizer, de escritoras mulheres, porém, não foi um estudo aprofundado devido ao tempo da bolsa, que é um tempo muito exíguo, é menos de 12 meses de estudos. Ao chegar no Brasil, por motivos profissionais, eu não estava nessa área de literatura japonesa, acabou sendo um estudo que começou e não teve continuidade.

Luana: A senhora poderia explicar sobre esse estudo?

Laura: Era em uma classe regular de estudantes universitários do Japão. Havia uma grande dificuldade devido ao idioma. Mesmo eu sabendo o básico, era insuficiente para acompanhar um curso de formação superior. Foi, assim, mais um contato com o professor orientador, no sentido de ver os aspectos da literatura feminina no Japão.

Luana: Naqueles jornais que a senhora me enviou², você é considerada a primeira *nisei* a escrever um romance de renome. Como a senhora reagiu a isso na época?

Laura: Isso eu soube, porque é opinião de críticos, no dia do lançamento. Fiquei um pouco atônita, porque um repórter perguntou: "Como está se sentindo ao lançar um livro após os 80 anos da imigração japonesa?". A pergunta foi muito direta que eu pensei: "mas eu não tenho 80 anos", eu entendi o que ele quis dizer, mas foi muito impactante.

Luana: A senhora disse algumas vezes que se considera ser japonesa-brasileira. O que significa isso?

Laura: É ter bem delineado o lado japonês e o brasileiro. Eu não posso dizer que sou brasileira, porque tem aspectos que só quem é descendente de japoneses possui. Como também não posso dizer que sou japonesa, porque, por exemplo, a primeira vez que estive no Japão, eu estava reunida com um grupo de jovens estudantes, eu era uma das poucas estrangeiras, não sei se é por isso que uma socióloga japonesa, que estava presente, logo notou que eu não era japonesa. Por quê? A gesticulação. Tanto que eu já me eduquei, não fico gesticulando. A gesticulação e o modo de ser, que só um japonês nato consegue perceber em uma pessoa que não é japonesa. Por isso me considero japonesa-brasileira, pois não sou nem 100% japonesa e nem 100% brasileira.

Luana: A senhora consegue me dizer quais autores te influenciaram? Seja da literatura, seja de filmes?

Laura: Eu sempre gostei de ler, não diria nem literatura porque naquele tempo era ler. Por exemplo, o meu pai, embora sendo cidadão japonês, era fluente em português e procurou incentivar esse lado. Ele comprou os meus primeiros livros, daquela série completa do Monteiro de Lobato, então, eu cresci lendo as aventuras de Narizinho e Pedrinho. Além de todos os autores que me chegavam em mãos, tanto da literatura brasileira, como José de Alencar, quanto os autores clássicos da literatura mundial. Depois na faculdade, foram autores da literatura brasileira e portuguesa. Mas eu sempre gostei de ler.

Luana: O *Sonhos Bloqueados* aborda o lado dos *niseis*, ou seja, dos descendentes. Por que a senhora optou por trabalhar mais essa perspectiva?

Laura: Porque, como eu não me sinto 100% japonesa e nem 100% brasileira, acredito que só um autor como eu, descendente de japonês, entenderia esse o lado. Como o *nikkei* pensa, sente e se refere a sua própria identidade.

Luana: A comemoração dos 80 anos da imigração japonesa foi um momento marcante para a senhora?

Laura: Foi marcante pelo significado da data comemorativa, mas vou dizer que o lançamento dos *Sonhos Bloqueados* coincidiu com a comemoração dos 83 anos da imigração japonesa. Poderia ser em outra data, mas eu acredito que o editor fez uma forcinha para coincidir. Tanto que na estreia, antes daquela tradicional noite de autógrafos, houve uma palestra com um professor da USP, eu não me recordo o nome completo agora, mas ele abordou justamente a trajetória da imigração japonesa no Brasil.

Luana: Como foi publicar o livro na comemoração dos 83 anos da imigração?

Laura: Foi um motivo de alegria. Tanto que nos anos posteriores, por ocasião dos festejos da imigração japonesa, em 18 de junho, as emissoras de rádio, televisão e jornal me procuravam para falar dessa data. Acho que foi marcante o lançamento coincidir com essa data comemorativa.

Luana: Por que a senhora escolheu uma mulher para narrar a história? A personagem Kimiko?

Laura: É porque eu entendo mais o lado feminino, se bem que eu me esforço bastante, principalmente agora, para criar protagonistas masculinos. Mas foi naturalmente que a Kimiko nasceu.

Luana: Como a senhora conseguiu pensar esse contraste entre a cultura brasileira e as tradições japonesas? Por exemplo, a Kimiko reparava bastante nas diferenças entre uma descendente e uma brasileira.

Laura: Desde criança eu percebia isso. Uma coisa marcante que agora estou lembrando, eu não era mais criança, era adolescente, sempre vivi na capital de São Paulo e um dia eu fui comprar sapatos, reparei que o vendedor se

esforçava para falar com sotaque japonês. Não lembro qual foi a minha reação, mas, se fosse nos presentes dias, eu diria para ele falar normal, porque entendo o português. Fui observando todas essas pequenas nuances. Por exemplo, quando eu era criança, nas décadas de 1950 e 1960, era ainda muito gritante esse tratamento do brasileiro com os descendentes de japoneses. Assim como os japoneses e os descendentes percebiam os brasileiros como *gaijin*, que significa estrangeiro. Só que, nesse caso, *gaijin* eram os descendentes e não os brasileiros. Também os brasileiros, que têm esse lado muito brincalhão e muito à vontade, faziam troça com os japoneses. Eu observava que nessa época havia muita gente como eu, *nikkei*, descendente de japoneses, que renegavam a raça para não servir de chacota para os brasileiros. Diziam que não era japonesa e sim brasileira, sendo que era descendente de japoneses. Eu percebia muito isso nas colegas de escola. Lembro que uma colega dizia que o irmão dela tinha nojo de japonesas. Isso tudo era vontade de renegar a raça porque sofreu alguma discriminação, ou algum tratamento diferenciado, na minha opinião. Para mim, era uma coisa natural escrever sobre isso, colocar na boca dos meus personagens toda essa diferença.

Luana: Como que foi a recepção do *Sonhos Bloqueados* por parte dos descendentes?

Laura: Todos receberam bem, mas os descendentes eram mais críticos. Por exemplo, em uma tarde de autógrafos, eu fiz lançamento em várias cidades, como no Paraná, em Apucarana, São Paulo, em Registro e tem uma outra cidade que me foge o nome agora, mas cidades onde havia muitas pessoas da comunidade japonesa, notei que os brasileiros eram muito espontâneos e falavam as suas opiniões, todos elogiavam. Esse contato com o público foi muito bom e enriquecedor. Mas percebi também que eram justamente os descendentes de japoneses que sugeriam ou apontavam alguma crítica: “Olha, eu acho que aquelas palavras japonesas deveriam ter uma explicação no rodapé”. Sendo que se você entende o contexto, naturalmente saberá o

significado dessa palavra em português. É esse lado crítico. Se eu não fosse descendente de japoneses escrevendo *Sonhos Bloqueados*, acho que os descendentes não fariam esses comentários.

Luana: Por parte dos brasileiros a recepção foi melhor, então?

Laura: Eles são muito espontâneos. Gostaram e disseram que até aprenderam um pouco de japonês, com aquelas palavrinhas. Há também a opinião de uma tia, que já é falecida, era filha de espanhóis e se casou com o meu tio, que é irmão do meu pai, o casamento foi há mais de 70 anos atrás em uma cidade do interior do Paraná. Os pais de ambos os lados não queriam esse casamento, essa coisa toda, foi um início bem conturbado, um casamento interracial. Mas essa tia leu *Sonhos Bloqueados* e ligou para São Paulo, falando que só a partir do livro entendia o marido dela. Eu nunca imaginei um comentário desse, mas ela falou que graças ao meu livro entendia mais o marido, apesar de estar casada há 40, 50 anos. Aquele lado calado e sisudo, que não expressa opinião.

Luana: O livro é testemunho da sua vida ou de pessoas conhecidas?

Laura: Eu não posso dizer que não é um testemunho, mas também não posso dizer que é a vida real retratada. É tudo sobre o que ouvimos, por exemplo, muitas das histórias foram contadas pela minha mãe, porque ela era uma grande contadora de histórias. Se ela tivesse enveredado para o lado da literatura, acho que teria mais êxito do que eu. Muitas coisas são falas da minha mãe, ou, se não através da minha mãe, são ideias da minha avó, que era imigrante. Tem um pedaço de cada uma de nós, um pedaço de cada um que, ao longa da vida, eu ouvi e perguntei opiniões, senti a reação diante de alguma coisa. É tudo isso, é uma mescla. Não posso dizer que não tive influência, mas não foi a cópia da vida de ninguém. Acho que foi a influência de todas as pessoas que cruzaram o meu caminho. Assim, bem espontânea e aleatoriamente, porque dificilmente eu ouço uma pessoa contando uma

história e penso em querer escrever um livro. Mas acabamos incorporando as ideias: “Ah, tem gente que pensa assim, tem que gente acha isso”. Eu não posso dizer que não tem influência de pessoas, porém, não é a biografia de ninguém.

Luana: Qual a importância do bairro da Liberdade para a senhora? É citado bastante no livro.

Laura: Eu fiz o ensino médio na Escola Estadual Presidente Roosevelt, que fica bem no meio da Liberdade, na rua São Joaquim. Naquele tempo, eu tinha que tomar ônibus, porque não morava na Liberdade. Então eu atravessava a rua principal do bairro, que é o bairro oriental, atravessava de ponta a ponta, quer dizer, do ponto do ônibus elétrico até chegar no colégio. A volta já eram quase 18h30, era à noite e a rua Galvão Bueno, a rua principal da Liberdade, se transformava, virava outra coisa. Não era aquele movimento só de lojistas e compradores, era uma outra coisa. Eu sempre achei fascinante, principalmente na época de estudante, que eu ia com o sol claro para o colégio e, na saída, retornava para o ponto de ônibus, para voltar para casa. Achei que seria um cenário ideal para situar parte da história. Você conhece, a Liberdade?

Luana: Sim, já fui lá.

Laura: Isso foi de dia, não é?

Luana: Sim, foi de dia.

Laura: À noite, naquela época, décadas 1960 e 1970, mudava. Mudava do dia para a noite, existiam aquelas casas noturnas onde havia aprendizes de gueixas, mas não eram gueixas verdadeiras, porque elas não vieram para o Brasil. Era uma imitação de gueixa, elas andavam naquelas ruelas da Liberdade de quimono e com aquela maquiagem de gueixa. Para mim, era

fascinante ter isso no Brasil. Eu quis retratar uma parte disso em certa fase da vida da Kimiko. Antes dela se casar, quando estava no pensionato. O pensionato também é uma coisa que eu nunca vivenciei, porque eu sempre morei na capital, não precisei morar em algum lugar fora da minha casa e dos meus pais para estudar ou para trabalhar. Como eu conheci muitas pessoas que viveram em pensionato, principalmente aquelas cujas famílias moravam no interior e precisavam ir para capital para estudar ou trabalhar. Era uma coisa que eu não vivenciei, mas eu quis retratar pela minha visão e ótica.

Luana: Outra personagem que me chamou atenção foi a Cema, uma mestiça. Por que ela é retratada como um animal selvagem e acuado?

Laura: A Kimiko supõe que Cema fosse a filha fora do casamento, filha do marido dela. Sendo assim, ela seria uma menina rejeitada. Eu a retratei como uma pessoa muito indefesa, como um animalzinho mesmo.

Luana: A senhora consegue me dizer qual era a visão, seja na sua família, seja das pessoas que você conhecia, em relação aos filhos mestiços?

Laura: Agora não, é uma coisa natural, mas naquela época havia sim, não vou dizer discriminação, e sim, uma diferenciação. Por exemplo, vou citar as amigas da minha mãe: uma senhora que estava conversando com a minha mãe e, eu ainda era criança e peguei a conversa, estava falando que a filha tinha se casado. Certamente a minha mãe a parabenizou, porém, essa senhora acrescentou um detalhe: "só que é brasileiro". Desde criança eu sempre notei essas nuances nas falas das pessoas, isso sempre me fascinou. Eu ficava pensando no "só que", então quer dizer que tem alguma coisa atrapalhando, um empecilho: "Ela se casou sim, só que foi com brasileiro". Havia sim. Não sei se ainda há e está velado, porque muitas coisas estão veladas entre as pessoas, mas é que é uma coisa diferente, então demora-se para se acostumar, talvez.

Luana: Qual a sua opinião em relação aos conflitos entre gerações?

Laura: Assim como há conflitos entre gerações em qualquer país do mundo, com pessoa de qualquer raça e nacionalidade, há entre os japoneses imigrantes e os seus descendentes. Mas, por serem duas culturas e dois países diferentes, esses conflitos se tornam mais visíveis. Por exemplo, o casamento, quando eu era criança e jovem, era uma coisa conflitante. Na década de 70, lembro que houve um episódio na família de uma amiga. A maioria dos irmãos dela se casou em casamentos interraciais, com brasileiros de diversas origens. Uma vez, alguém comentou algo sobre isso, e eu disse: "Olha, ouvi dizer que, no Brasil, embora existam casamentos interraciais, as pessoas da alta sociedade brasileira não costumam se misturar com estrangeiros, especialmente com alguém de descendência japonesa". Ela ficou indignada pois, na família dela, apenas ela e um irmão eram casados com pessoas da mesma nacionalidade. Acho que sempre houve esse conflito de gerações, principalmente no tema casamentos.

Luana: Por que a senhora optou pelo desfecho da morte do personagem Carlinhos? Que é o filho mais velho da Kimiko.

Laura: Você me perguntou do optou, eu nem posso dizer o porquê. Assim, parece exagero, mas as minhas personagens são as que mandam na história e eu só vou apenas escrevendo. Eu posso até no começo fazer aquele esboço todo, a árvore genealógica, definindo quem vai se casar com quem. Às vezes a história está montada, mas, no decorrer da escrita, são as personagens que comandam o enredo. Ele faleceu, era um filho querido, em que ela tinha muitas esperanças. Eu não optei não, eles que comandaram e eu fui escrevendo.

Luana: Como foi criar a história de Érica, filha de Kimiko, que passou por uma cirurgia nos olhos para adotar um visual mais ocidental e se sentir mais brasileira?

Laura: Na minha época, a cirurgia plástica não era algo comum como é hoje, não precisa ser descendente de japonês, qualquer um pode mudar qualquer parte do rosto. Por exemplo, quando eu era jovem, era mais rechonchuda, então, os meus olhos pareciam menos fundos e rasgados. Lembro que um colega meu de faculdade falou que conhecia muita gente que havia feito cirurgia da pálpebra e sugeriu que eu fizesse também. Eu devo ter respondido que não era da conta dele. Mas era uma época que tinha isso, sabe? Operar ou não operar? É melhor operar e ficar mais bonito? Foi por isso, e ela já era revoltada com a situação de ser filha de japoneses, por causa do namorado que era brasileiro. O esforço era maior para atingir aquele ideal de beleza, porque ela queria ostentar o namorado como se fosse um troféu. Eu conheci muita gente assim, muitas amigas e pessoas da minha geração desse jeito, que faziam questão, não porque gostava ou simpatizava, era porque ele era bonito, e queriam se mostrar. Tinha isso, só que agora não é tão evidente assim, mas naquela época era. Eu decidi que a Érica ocidentalizaria os olhos. Naquele período era isso de fazer ou não a cirurgia, querer ser mais bonita, quer dizer, mais brasileira e ocidental. Acho que agora mudou, mas antes era muito evidente. Como eu sou observadora, fui vendo essas histórias. A Érica quis e eu a operei.

Luana: Você acha que isso é relacionado com a crise identidade do *nikkei*?

Laura: Sim, é a crise de identidade. Eu não estudei em sociologia e antropologia, mas a crise de identidade é grande até hoje. Por exemplo, é uma particularidade minha, eu que noto isso, existe agora a palavra *nikkei*, uma palavra abrangente, *nikkei* significa tudo o que é de origem japonesa. Portanto, eu posso falar revista *nikkei*, jornal *nikkei*, ou, se não, artista *nikkei*, é variado, o uso não se determina, não está restrito a uma coisa só, tudo que é de origem japonesa é *nikkei*, porém, eu noto que, entre os descendentes, essa palavra não está assim popularizada. Difícil alguém usar *nikkei* para referir-se a uma japonesa ou a um japonês. Sendo que não é bem isso, já é brasileiro

de segunda ou terceira geração. Eu sou muito sensível a essas coisas e percebo. Quando querem inferiorizar a origem, utiliza-se a palavra japonês, sendo que a pessoa tem nome. Outra coisa também, que eu já escrevi um artigo, é sobre a palavra "japa" que, no entender dos mais antigos, principalmente quem teve contato com a cultura e a história americana da Segunda Guerra Mundial, é negativa. O termo *jap* era utilizado pelos americanos de forma pejorativa, desvalorizando o soldado japonês. Tem gente que associa o "japa" dos Estados Unidos com o do Brasil. Agora, há descendente que normalmente a utiliza, como por exemplo: "Hoje vamos hoje no restaurante japa". Eu conheci a filha de uma amiga minha, pertencente à terceira geração de japoneses, e chamou o filho, da quarta geração, de japinha. No meu entender, não é uma coisa muito agradável esse tratamento. Mas, entre os brasileiros, eu noto que "japa" significa "japonês" ou "de origem japonesa". Agora, os descendentes usarem *nikkei*, é muito difícil, inclusive quando eu falo *nikkei*, há pessoas que não entendem bem. Para o brasileiro, eu explico o que é. Se você for revolver, encontra o modo preconceituoso que ainda existe, tanto da parte do descendente, quanto do brasileiro. Só que isso faz parte do viver em sociedade. Esse tratamento "japa", particularmente, eu não acho nada simpático, porém, há quem use como se fosse a palavra "japonês" ou "japonesa". É uma questão de entendimento e cultural, quer dizer, depende da cultura de cada um e da família. Por exemplo, alguém que não conhece um pouco da cultura japonesa, dificilmente traz uns mimos na casa que está visitando. Isso é muito da cultura japonesa, então, ninguém vai de mão abanando na casa de uma outra pessoa. Há também os desentendimentos dos brasileiros que foram trabalhar no Japão, entravam na casa dos japoneses sem tirar os sapatos, sem levar nada, e saíam com presentinho, mas também não retribuía. Tudo isso são pequenas coisas que se você for tirar do fundo, aparecem outras. É sinal que a sociedade está caminhando para frente, ou para trás, não sei, mas está em movimento e não está parada.

Luana: Como a senhora pensou no movimento decasségui para o livro?

Laura: Nem havia pensado em uma história para escrever, eu escrevi sempre contos, que são pequenas histórias e flagrantes, ou, se não, eu gosto de escrever crônicas, por exemplo, o que eu vi e ouvi, sempre com relação aos *nikkeis*. Eu cheguei a mandar para você uma série de crônicas? Tem uma crônica em que eu estou saindo da estação do metrô e ouço atrás assim: “Por que fulana é melhor que a gente? Fulana é descendente, deve ser por causa dos neurônios”. Isso me deixou pensando se há diferenciação entre neurônios ocidentais e orientais. São pequenas coisas assim. Eu escrevia contos, que são mais narrativas curtas, eu nunca havia pensado em um romance. Só que eu li, no jornal *Estado de São Paulo*, uma notícia, de 1989, que relatava sobre a primeira turma só de mulheres que estava embarcando para o Japão, não era de casais, era só de mulheres decasséguis. Isso me chamou muita atenção, porque você acaba pensando que elas deixarão as famílias, se questionando como que deve ser. Comentei com o meu pai que daria uma boa história, sem pensar no meu livro, quer dizer, alguém que escreva. Em 1990, eu apresentei para um editor os meus contos, sempre com temática *nikkei*, com personagens *nikkeis*. Ele sugeriu que eu tentasse escrever um romance, porque contos são narrativas curtas e não têm aquilo de ir e vir, aqueles pensamentos, não tem aqueles *flashbacks*. Saí da editora pensando: “Imagina, não vou escrever coisa nenhuma nunca”. O romance você faz uma ideia de um livro grosso, com muita coisa, com um enredo complicado e tal. Foi isso, mas a ideia de escrever sobre alguém que foi para o Japão trabalhar, foi por causa da notícia do jornal *Estado do São Paulo*.

Luana: É curioso que Kimiko, sempre tão dedicada ao lar e ao cuidado dos outros, de repente decida ir para o Japão em busca de um sonho. Poderia comentar um pouco sobre essa mudança?

Laura: É porque ela se via numa situação sem casa, e a Érika não queria viver com a mãe, foi morar com a tia. O outro filho, mais quietinho, estudando e trabalhando. Ela pensou que a última e única alternativa, que foi o pensamento de quase todo mundo, era ir trabalhar no Japão. Pelo menos

you were earning and sending the money to Brazil, it was half a foot, as it used to be. It was, as I said, very natural, I didn't think of it like this: "Now I will write a book that will start like this, end in the middle and finish in another way". The characters were drawing their life trajectories and I was writing. As there were characters that I created, but they never appeared, they were swallowed by others.

Luana: Laura, essa foi a última pergunta. Queria agradecer por sua disponibilidade.

NOTAS

¹ Entrevista realizada em 28 de setembro de 2019, para a dissertação *O romanceiro feminino nikkei: memória e (des)identidades no livro "Sonhos Bloqueados", de Laura Honda-Hasegawa (1980-1991)*. Foi adaptada conforme as diretrizes da revista.

² São os jornais: *Diário Nippak* (1991), *Estado de São Paulo* (1991), *Jornal Hoje em Dia* (1991), *São Paulo Shimbun* (1991) e *Voz de Ibiúna* (1991).